

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

DEZEMBRO DE 1863

Nº 12

## Utilidade do Ensino dos Espíritos

Um publicista notável, por cujo caráter professamos a mais profunda estima, e cujas simpatias foram conquistadas pela filosofia espírita, mas para o qual a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, escreve-nos o que se segue:

“...Creio que desde muito tempo a Humanidade estava de posse dos princípios que expusestes, princípios que aprecio e defendo sem o concurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que eu negue o auxílio das luzes divinas. Cada um de nós recebe esse auxílio num certo limite, conforme o seu grau de boa vontade, de amor ao próximo e, também, na medida da missão que tenha a cumprir durante sua passagem na Terra. Não sei se vossas comunicações vos puseram na posse de uma única idéia, de um só princípio que não tenha sido precedentemente exposto por uma série de filósofos e de pensadores que, desde Confúcio, até Platão, Moisés, Jesus-Cristo, Santo Agostinho, Lutero, Diderot, Voltaire, Condorcet, Saint-Simon e outros fizeram progredir o nosso humilde planeta. Não o creio e, se estiver enganado, ser-vos-ia muito reconhecido pelo empenho que tivésseis em demonstrar o meu erro. Notai bem

que não condeno vossos processos espíritos; penso que são inúteis para mim, etc...”

Meu caro senhor, vou responder em breves palavras à vossa pergunta. Não tenho o vosso talento nem a vossa eloquência, mas tentarei ser claro, não só para vós, mas para meus leitores, aos quais minha resposta poderá servir de ensino, razão por que o faço através de meu jornal.

Logo de início direi que, de duas uma: ou as comunicações com os Espíritos existem, ou não existem. Se não existem, *milhões* de pessoas que diariamente se comunicam com eles são vítimas de uma estranha ilusão e eu mesmo teria tido uma singular idéia ao atribuir-lhes algo cujo mérito poderia ter sido meu. Mas não vale a pena discutir tal ponto, já que não o contestais. Se essa comunicação existe, deve ter sua utilidade, porque Deus nada faz de inútil. Ora, essa utilidade ressalta não só desse ensino, mas ainda, e principalmente, das conseqüências desse ensino, como veremos daqui a pouco.

Dizeis que essas comunicações nada ensinam de novo além do que já foi ensinado por todos os filósofos, desde Confúcio, donde concluí que são inúteis. O provérbio: “Não há nada de novo debaixo do Sol” é perfeitamente certo, e Edouard Fournier o demonstrou claramente em sua interessante obra *Vieux neuf*. O que ele disse das obras da indústria é igualmente verdadeiro, em matéria filosófica, e isto pela razão muito simples de que as grandes verdades são de todos os tempos e em todos os tempos devem ter sido reveladas a homens de gênio. Mas porque um homem formulou uma idéia, segue-se que aquele que a formula depois dele seja inútil? Sócrates e Platão não enunciaram princípios de moral idênticos aos de Jesus? Deve-se, por isso, concluir que a doutrina de Jesus foi uma superfluidade? Se assim fosse, bem poucos trabalhos seriam de real utilidade, pois da maior parte pode dizer-se que um outro teve a mesma idéia e que basta a este

recorrer. Vós mesmo, meu caro senhor, que consagrais o vosso talento ao triunfo das idéias de progresso e de liberdade, que dizeis que cem outros já não tenham dito antes de vós? Vamos, por isso, concluir que vos deveríeis calar? Não o pensais. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade; depois um, dois, três, cem outros homens, vindo após ele, a desenvolvem, a completam e a apresentam sob outra forma, de modo que essa verdade, que tinha ficado nos arquivos da História e era privilégio de alguns eruditos, se populariza, se infiltra nas massas e acaba por tornar-se uma crença vulgar. Que teria acontecido às idéias dos filósofos antigos se elas não tivessem sido retomadas na sua base por escritores modernos? Quantos a conheceriam hoje? É assim que, por sua vez, cada um vem dar a sua martelada.

Suponhamos que os Espíritos nada de novo tenham ensinado; que não tenham revelado uma só verdade nova; numa palavra, que apenas hajam repetido as verdades professadas pelos apóstolos do progresso. Então nada significam esses princípios hoje ensinados pela voz do mundo invisível em todas as partes do mundo, na intimidade de todas as famílias, desde o palácio até a choupana? Nada representam esses milhões de marteladas diárias, a toda hora e em toda parte? Credes que as massas não estejam mais penetradas e impressionadas por tais verdades, venham de seus parentes ou amigos, ou das máximas de Sócrates e de Platão, que jamais leram ou que só conhecem de nome? Como podeis, meu caro senhor, desdenhar semelhante auxiliar, vós que combateis os abusos de toda sorte? Um auxiliar que bate em todas as portas, desafiando todas as ordens em contrário e todas as medidas inquisitoriais? Só este auxiliar – e um dia tereis a prova – vencerá todas as resistências, porque toma os abusos pela base, apoiando-se sobre a fé que se extingue e que ele vem consolidar.

Pregais a fraternidade em termos eloqüentes, e fazeis muito bem, pelo que vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? O egoísmo será sempre a pedra de tropeço para a

realização das mais generosas idéias, não faltando exemplos, antigos e recentes, em apoio a esta proposição. É preciso, pois, atacar o mal pela raiz e para isto combater o egoísmo e o orgulho, que fizeram e farão abortar os projetos mais bem concebidos. E como destruir o egoísmo sob o império das idéias materialistas, que concentram a ação do homem na vida presente? Para quem nada espera depois desta vida, a abnegação não tem nenhuma razão de ser; o sacrifício é um engodo, porque devemos aproveitar os curtos prazeres deste mundo. Ora, quem melhor que o Espiritismo dá essa fé inalterável?

Como chegou a triunfar da incredulidade de tão grande número e a domar tantas paixões más, senão pelas provas materiais que dá? E como pode dar estas provas sem as relações estabelecidas com os que já não se acham na Terra? Então de nada vale ter ensinado aos homens de onde vêm, para onde vão, e o futuro que lhes é reservado? A solidariedade que ensina já não é uma simples teoria, mas a conseqüência inevitável das relações existentes entre os mortos e os vivos, relações que fazem da fraternidade entre os vivos não só um dever moral, mas uma necessidade, porque corresponde ao interesse da vida futura.

As idéias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram em todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Em princípio, bastará dizer aos privilegiados do berço e da fortuna: Todos os homens são iguais? O Evangelho foi suficiente para persuadir aos cristãos possuidores de escravos que estes últimos são seus irmãos? Ora, quem pode destruir esses preconceitos, quem nivela melhor essas cabeças do que a *certeza* de que nas últimas camadas da sociedade se acham seres que ocuparam o topo da escala social? que entre os nossos serviçais, entre aqueles a quem damos esmola, podem achar-se parentes, amigos, homens que nos comandaram? que, enfim, os que agora se encontram altamente colocados podem descer para o último degrau? Consistirá isto num ensino estéril para

a Humanidade? A idéia é nova? Não; mais de um filósofo a emitiu e pressentiu esta grande lei da justiça divina. Mas de nada vale dar-lhe a prova palpável, evidente? Muitos séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra tinham sido estabelecidos como princípios; esses sábios vieram demonstrar o que os outros apenas haviam suspeitado. Assim, há Espíritos que vêm provar as grandes verdades, deixadas como letra morta para o maior número, dando-lhes por base uma lei da Natureza.

Ah! meu caro senhor! se soubésseis, como eu, quantos homens que teriam sido entraves à realização das idéias humanitárias, mudaram a maneira de ver e hoje, graças ao Espiritismo, se tornaram campeões, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil; vós o bendiríeis como a tábua de salvação da sociedade e apelaríeis com todas as vossas forças para a sua propagação. Foi o ensino dos filósofos que lhes faltou? Não, porque na maior parte são homens esclarecidos, para os quais os filósofos eram sonhadores, utopistas e eloqüentes; que digo eu? revolucionários. Era preciso tocar-lhes o coração e o que os tocou foram as vozes de além-túmulo, que se fizeram ouvir em seus próprios lares.

Por hoje, caro senhor, permiti-me ficar por aqui. A abundância de matéria me obriga a adiar a questão para o próximo número, a qual será considerada de outro ponto de vista.

## O Espiritismo na Argélia

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre a pastoral do Sr. bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos remetido. Ignoramos se alguém se encarregou disto; quanto a nós, não o fizemos e eis a nossa razão:

Não temos a menor intenção de converter o Sr. bispo de Argel à nossa opinião. Ele poderia ter visto na remessa direta

daquele artigo uma espécie de bravata de nossa parte, o que não está em nosso caráter. Ainda uma vez, o Espiritismo deve ser aceito livremente e não violentar consciência alguma; deve atrair a si pela força de seu raciocínio, a todos acessível, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: “Outrora o céu era tomado pela violência; hoje o é pela doçura.” De duas, uma: ou o Sr. bispo de Argel se restringe a falar do que sabe, ou não se restringe. No primeiro caso, por si mesmo deve pôr-se ao corrente da questão e não se limitar aos escritos que abundam neste sentido, se não quiser expor-se a cometer erros lamentáveis; no segundo caso, seria trabalho perdido querer abrir os olhos a quem os quer manter fechados.

É um grave erro acreditar que a sorte do Espiritismo dependa da adesão desta ou daquela individualidade; ele se apóia em base mais sólida: o assentimento das massas, nas quais a opinião dos menores pesa tanto quanto a dos maiores. Não é uma pedra única que faz a solidez de um edifício, pois uma pedra pode ser derrubada, mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação. Numa questão de tão vasto interesse, a importância das individualidades, considerada em si mesma, de certo modo se apaga; cada uma traz o seu contingente de ação, mas se algumas faltam ao chamado, nem por isso sofre o conjunto.

Em sua opinião, o Sr. bispo de Argel julgou por bem fazer o que fez. Estava no seu direito; diremos mais: fez bem em fazê-lo, pois agiu conforme sua consciência. Se o resultado não corresponder à sua expectativa, é que se perdeu. Eis tudo. Não nos cabe modificar as suas idéias e, por este motivo, não havia por que lhe enviar nossa refutação. Não a escrevemos para ele, mas para a instrução dos espíritas de todos os países, a fim de os tranquilizar quanto às conseqüências de uma manobra que, provavelmente, terá imitadores. A medida, portanto, pouco importa em si mesma; o essencial era provar que nem esta nem outras podiam atingir o objetivo a que se propunham: o aniquilamento do Espiritismo.

Em princípio, em todas as nossas refutações jamais visamos os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas. O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípios, que sobrevivem aos indivíduos. Num dado tempo, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; já que em vida não puderam deter o seu ímpeto, menos ainda poderão depois de mortos; ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, como fez o defunto bispo de Barcelona, que recomendamos às preces de todos os espíritas, conforme o desejo por ele expresso. Como vedes, mesmo antes de partir, alguns antagonistas já estão mortos moralmente! De todos os escritos que pretendiam pulverizar a doutrina, quantos sobreviveram? Um ou dois anos bastaram para pôr a maior parte no esquecimento, e os que fizeram mais alarido apenas acenderam um fogo de palha, já extinto, ou em processo de extinção. Mais alguns anos e já não se falará deles; serão procurados como raridades. Dá-se o mesmo com as idéias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. É de presumir-se que, no rasto de seus autores, venham adversários mais temíveis, que terão razão contra o Espiritismo? É pouco provável, porque não é o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam aos de hoje; eles são todo fogo e todo ardor; o que lhes faltam são argumentos que sobrelevem os do Espiritismo e, certamente, não é por falta de procurá-los. Ora, como a idéia espírita ganha partidários incessantemente, o número de adversários diminuirá proporcionalmente e estes se verão forçados a aceitar um fato consumado.

Aliás, já dissemos que o clero não é unânime em sua reprovação contra o Espiritismo. Conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos muito simpáticos a esta idéia, aceitando todas as suas conseqüências. Eis uma prova bem característica no fato seguinte, bem recente, cuja autenticidade podemos garantir:

Num vagão de estrada de ferro achavam-se dois senhores, um cientista materialista e ateu extremado, e seu amigo, que, ao contrário, era muito espiritualista. Discutiam calorosamente, cada um sustentando sua opinião. Numa estação subiu um jovem padre, que a princípio escuta e logo depois participa da conversa. Dirigindo-se ao incrédulo, diz-lhe: “Parece, senhor, que em nada acreditais, nem mesmo em Deus? – Confesso que é verdade, senhor padre, e ninguém ainda conseguiu me provar que eu esteja em erro. – Pois bem, senhor, eu vos aconselho a ir aos espíritas para crerdes. – Como! senhor padre, sois justamente vós que me falais assim? – Sim, senhor, e digo isto porque é a minha convicção. Sei, por experiência, que quando a religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo triunfa. – Mas que pensaria o vosso bispo se soubesse o que acabastes de dizer-me? – Pensaria o que quisesse, e eu o diria a ele próprio, pois tenho por hábito não ocultar o meu modo de pensar.”

Foi o próprio cientista que narrou o fato a um de seus amigos, do qual o colhemos.

Eis um outro não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido visitar um de seus tios, cura de aldeia, encontrou-o ocupado a ler *O Livro dos Espíritos*. Transcrevemos textualmente o relato que ele nos deu da conversa.

“Pois quê! meu tio! ledes este livro e não temeis ficar danado? Não seria para o refutar em vossos sermões? – Ao contrário, esta doutrina me tranqüiliza quanto ao futuro, pois hoje compreendo muitos mistérios que não havia compreendido, mesmo no Evangelho. E tu, conheces isto? – Como não! se conheço! Sou espírita de coração e de alma; além disso, sou um pouco médium. – Então, meu caro sobrinho, chegamos a um acordo! Nunca nos tínhamos entendido sobre a religião e agora nos entendemos. Por que ainda não me tinhas falado disto? – Eu temia escandalizar-vos. – Outrora, com a tua incredulidade, tu me

escandalizavas muito mais. – Se eu era incrédulo, vós fostes a causa. – Como assim? – Não fostes vós que me educastes? E o que me ensinastes em matéria de religião? Sempre quisestes me explicar o que vós mesmos não compreendíeis; depois, quando vos questionava e não sabíeis responder, dizíeis: “Cala-te, infeliz! é preciso crer e não buscar compreender. Jamais passarás de um ateu.” Agora talvez eu vos pudesse ensinar. Assim, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem dez anos e vos garanto que é mais crente do que eu naquela idade, entre as vossas mãos, e não receio que algum dia ele perca sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos os seus deveres, ficaríeis edificado. Mas dizei-me, meu tio, pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? – Vontade não me falta; mas haverás de compreender que isto é impossível. – Falais sempre a eles da fornalha do diabo, como em meu tempo? Posso dizer isto agora sem vos ofender: realmente aquilo nos fazia rir muito. Estou certo de que entre os vossos ouvintes não havia mais que três ou quatro beatas que acreditavam no que dizíeis; as mocinhas, geralmente muito tímidas, tão logo saíam do sermão iam fazer o “jogo do diabo.” Se esse medo tem tão pouco império sobre gente do campo, naturalmente supersticiosas, imaginai o que deve ser entre gente esclarecida. Ah! meu caro tio, é tempo de trocar as baterias, porque o tempo do diabo acabou. – Bem o sei, e o pior de tudo isto é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, daí por que vão mais ao cabaré do que à igreja. Confesso-te que por vezes me sinto embaraçado para conciliar o dever com a minha consciência. Trato de buscar uma solução intermediária: falo mais de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me no Evangelho e vejo que sou mais bem ouvido e compreendido. – Que resultado pensais que seria obtido, caso se lhes pregasse a religião sob a óptica do Espiritismo? – Fizeste a tua confissão e vou fazer a minha, falando de coração aberto. Estou convicto de que antes de dez anos não haverá um só incrédulo na paróquia e todos

serão pessoas honradas; o que lhes falta é fé. Neles a fé acabou e o seu cepticismo, não tendo por lastro o respeito humano, dado pela educação, tem algo de bestial. Eu lhes falo de moral, mas a moral sem a fé não tem base. O Espiritismo lhes dá essa fé, pois essas criaturas, a despeito da falta de instrução, têm muito bom-senso; raciocinam mais do que se imagina, mas são extremamente desconfiados, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer. Ora, para isto nada melhor do que o Espiritismo. – A conseqüência do que dizeis, meu tio, é que se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente em outras. Se, pois, todos os curas da França pregassem apoiados no Espiritismo, a sociedade se transformaria em poucos anos. – É a minha opinião. – Pensais que isto aconteça um dia? – Eu o espero. – Quanto a mim, tenho certeza de que antes do fim do século se dará essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium? – Psiu! (*baixinho*) Sim! – E o que vos dizem os Espíritos? – Dizem que... (Aqui o bom cura falou tão baixo que o sobrinho não conseguiu ouvir).

Dissemos que a pastoral do Sr. bispo de Argel não havia detido o ímpeto do Espiritismo naquela região. O resumo seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, disto nos dá uma idéia:

“Caro e venerado mestre: ao confirmar-vos a minha carta anterior, por ocasião da circular do Sr. bispo de Argel, venho renovar os protestos invioláveis de afeição que unem todos os espíritas do nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, doutrina que jamais nos persuadirão de ser obra do diabo, por nos haver arrancado da dúvida e do culto da matéria, tornando-nos melhores uns para com os outros, mesmo para com os nossos inimigos, pelos quais oramos diariamente. Como no passado, continuamos nos reunindo e recebendo as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo quanto se passa é para o melhor e segundo os desígnios da Providência. Todos nos dizem que estão próximos os tempos em que grandes mudanças

vão operar-se nas crenças, às quais o Espiritismo servirá de elo para levar todos os homens à fraternidade...”

Uma outra carta diz: “A pastoral do Sr. bispo de Argel forneceu ao nosso cura assunto para um sermão fulminante contra o Espiritismo, sobretudo em razão de sua eloquência. Engano-me, porque causou tão forte impressão sobre vários zombadores que estes, vendo o Espiritismo tomado a sério pela autoridade eclesiástica, se disseram que ali deveria haver algo de sério. Puseram-se então a estudá-lo e agora não riem mais e são dos nossos. Aliás, o número de espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão se formando.”

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido e não assinala uma só defecção, mas apenas alguns indivíduos que, por sua posição dependente da autoridade eclesiástica, vêem-se obrigados a não se porem em evidência, sem, contudo, deixarem de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Pode-se impor atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação que se segue comprova que o ímpeto não diminuiu, seja da parte dos Espíritos, seja da parte dos homens:

“Sétif, 17 de setembro de 1863.

“Meus amigos, venho a vós cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, diariamente haurir novas forças, em meio aos entraves que lhe opõem. Essas forças não são apenas as do número, mas, também, da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem, marchando nesta santa via do progresso espírita, da qual nenhuma força humana vos desviará.

“Não obstante, esperai a luta e preparai-vos para a sustentar. Lá estão os inimigos a forjar-vos pesadas cadeias, com as quais vos esperam vencer e domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua lei se elevarão, a

despeito de todas as dificuldades. Os servos do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; seguirão sua rota sempre e apesar de tudo; os entraves e as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

“Eu vos digo, velai, orai, estendei a mão aos infelizes, abri os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços a todos se abram, sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! Que há de mais belo, de mais consolador que esse pacto de união entre os vivos e os mortos? Que imensos serviços nos poderemos prestar mutuamente! Por vossas preces a Deus, partidas do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem e quão suave é o benefício ao coração de quem o pratica! Que tocante harmonia a das bênçãos que houverdes merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao céu e persuadi-vos de que cada uma de vossas preces será ouvida e atenuará uma dor.

Compreendi bem que quanto mais homens levardes a vos imitar, mais poderoso será o conjunto de vossas preces. Tomai os homens pela mão e conduzi-os ao verdadeiro caminho, onde aumentarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Os que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

P. – É preciso responder a essa pastoral pela imprensa?

*Resp.* – Meu Deus! permiti-me dizer o que penso! Eles estabeleceram uma rota. Varrem-na, para que o povo passeie com mais comodidade e em maior número; assim, a multidão vem comprimir-se. Deveis compreender minha linguagem, um tanto enigmática. Vosso dever de espíritas é mostrar-lhes que abriram uma porta, ao invés de fechá-la.

*Observação* – Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado e que mal assinava o nome. Depois que se tornou médium, escreve um pouco, mas com extrema dificuldade. Não se pode, assim, supor que a dissertação acima seja obra de sua imaginação.

## Elias e João Batista

### REFUTAÇÃO

Uma carta que nos foi enviada contém a seguinte passagem:

“Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita. A propósito da reencarnação, pediu-me lhe dissesse qual dos corpos tomará o Espírito Elias no juízo final, anunciado pela Igreja, para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será o primeiro ou o segundo. Não soube lhe responder. Ele riu e me disse que nós, os espíritas, não éramos fortes.”

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão. Em todo o caso, é sempre uma imprudência engajar-se numa controvérsia quando não se sente força para a sustentar. Se a iniciativa partiu do nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que “o Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm uma fé e aos quais esta fé basta; que não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas”, e nisto ele é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por este motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas, para converter às nossas idéias o clero de qualquer comunhão. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: Acolhei prontamente os homens de boa vontade; dai luz aos que a buscam, pois não tereis êxito com os que julgam possuí-la; não violenteis a fé de ninguém, nem a do clero, nem a dos laicos, já que vindes

semear em campo árido; ponde a luz em evidência, a fim de que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e dai a comer aos que têm fome, e não aos que se dizem fartos. Se membros do clero vierem a vós com intenções sinceras e sem pensamentos dissimulados, fazei por eles o que faríeis pelos vossos outros irmãos: instrui os que pedirem, mas não busqueis trazer à força os que imaginam que a sua consciência esteja empenhada em pensar de modo diverso do vosso; deixai-lhes a fé que têm, como quereis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se são os primeiros a atacar, temos o direito de responder e de refutar; se abrem a liça é permitido segui-los, sem, contudo, afastar-se da moderação, de que Jesus deu exemplo aos seus discípulos. Se os nossos adversários se afastarem por si mesmos, deve-se deixar-lhes esse triste privilégio, que jamais é prova da verdadeira força. Se de algum tempo para cá nós mesmos entramos no terreno da controvérsia, respondendo à altura a alguns membros do clero, forçoso é convir que a nossa polêmica nunca foi agressiva. Se não tivessem sido os primeiros a atacar, jamais seus nomes teriam sido pronunciados por nós. Sempre desprezamos as injúrias e os ataques de que fomos objeto, mas era nosso dever tomar a defesa dos nossos irmãos atacados e da nossa doutrina indignamente desfigurada, pois chegaram a dizer em pleno púlpito que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e repetimos, esta provocação é desastrada, porque leva forçosamente ao exame de certas questões, que teria sido melhor deixar adormecidas, porquanto, uma vez aberto o campo, não se sabe onde se vai parar. Mas o medo é mau conselheiro.

Posto isto, vamos tentar dar ao sr. cura supracitado a resposta à pergunta que ele fez. Todavia, não podemos deixar de notar que se o seu interlocutor não era tão forte quanto ele em teologia, ele mesmo não nos parece muito forte no Evangelho. Sua pergunta equivale à que foi levantada a Jesus pelos saduceus; ele não tinha senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, já que não a sabe.

“Naquele dia aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, disse Moisés que se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, tendo casado, morreu, e não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque *na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu*. E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos.” (São Mateus, 22:23 a 32).

Uma vez que os homens, depois da ressurreição, serão *como os anjos do céu* e estes não têm corpo carnal, mas um corpo etéreo e fluídico, então é porque não ressuscitarão em carne e osso. Se João Batista foi Elias é porque se trata da mesma alma, tendo tido duas vestimentas, deixadas na Terra em duas épocas diferentes; ele não se apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o invólucro etéreo, apropriado ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que citamos mais adiante); elas são ainda mais explícitas. Duvidais que João Batista tenha sido Elias? Lede São Mateus, capítulo XI, versículos 13 a 15: “Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, *ele mesmo é o Elias que havia de vir*. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Aqui não há equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não entender é preciso não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas uma: Jesus disse a verdade, ou enganou-se. Na primeira hipótese, a reencarnação é por ele atestada; na segunda, é lançar dúvida sobre todos os seus ensinamentos, porque, se ele se enganou num ponto, pode ter-se enganado em outros. Escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, por minha vez, vos dirija uma pergunta, que certamente vos será fácil responder.

Sabeis que o Gênesis, fixando seis dias para a Criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: Sol, estrelas, Lua, etc., não tinha contado com a Geologia e a Astronomia; que Josué não contara com a lei da gravitação universal. Parece-me que o dogma da ressurreição da carne não contou com a Química. É verdade que a Química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro onde queriam que se visse turvo. Mas, seja qual for a sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva: é que o corpo do homem, assim como todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos, cujos princípios são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela ainda nos ensina – e notai que é um resultado da experiência – que com a morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, de sorte que, ao cabo de certo tempo, o corpo inteiro é absorvido. É ainda constatado que o terreno onde sobejam as matérias animais em decomposição são os mais férteis e é na vizinhança dos cemitérios que os incrédulos atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos senhores curas de aldeia. Suponhamos, então, senhor cura, que batatas sejam plantadas nas proximidades de um sepulcro; essas batatas vão alimentar-se dos gases e sais provenientes da decomposição do corpo do morto; essas batatas vão servir para engordar galinhas que, por sua vez, as comereis e as saboreareis, de modo que o vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo morto, e que não deixarão de ser dele, embora tenham passado por intermediários. Então tereis em vós partes que pertenceram a outros. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do juízo, cada um com seu corpo, como fareis? Guardareis o que tendes do outro, ou o outro vos retomará o que lhe pertence? ou ainda tereis algo da batata ou da galinha? Pergunta no mínimo tão grave quanto a de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou o de Elias. Eu a faço na maior simplicidade; mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tendes

em vós porções de centenas de indivíduos. Aí está, a bem dizer, a ressurreição da carne; outra, porém, é a do Espírito, que não leva consigo os seus despojos. Vede, a seguir, o que diz São Paulo.

Já que estamos no terreno das perguntas, eis outra, senhor cura, que ouvimos de incrédulos. Certamente é estranha ao assunto que nos ocupa, mas é suscitada por um dos fatos acima referidos. Segundo o Gênesis, Deus criou o mundo em seis dias e repousou no sétimo. É este repouso do sétimo dia que é consagrado pelo de domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, como o demonstra a Geologia, esses seis dias, em vez de vinte e quatro horas, são alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Em termos de importância, esta pergunta vale bem as duas outras.

Não creiais, senhor cura, que estas observações sejam o resultado de um menosprezo às Santas Escrituras. Não, bem ao contrário; nós lhes rendemos, talvez, uma homenagem maior que a vossa. Considerando a forma alegórica, nós lhe buscamos o espírito que vivifica, nelas encontramos grandes verdades e por aí levamos os incrédulos a crer e a respeitá-las, ao passo que, apegando-se à letra que mata, fazem-nas dizer coisas absurdas e aumenta-se o número dos cépticos.

## São Paulo, Precursor do Espiritismo

A comunicação seguinte foi obtida em sessão da Sociedade de Paris, ocorrida em 9 de outubro de 1863:

“Quantos dias se passaram, meus filhos, desde que tive a felicidade de entreter-me convosco! assim, é com grata satisfação que me encontro no seio da minha cara Sociedade de Paris.

“Com que vos entreterei hoje? A maior parte das questões morais foi tratada por penas hábeis; todavia, elas são de

tal modo do meu domínio e o seu campo é tão vasto que ainda encontrarei alguns fragmentos de verdade para respigar. Quanto ao mais, mesmo que eu apenas repetisse o que outros já disseram, talvez apareçam alguns novos ensinamentos, porque as boas palavras, como as boas sementes, produzem sempre bons frutos.

“Para nós, os livros santos são celeiros inesgotáveis, e o grande apóstolo Paulo, que por sua prédica poderosa tanto contribuiu para o estabelecimento do Cristianismo no passado, vos deixou monumentos escritos que servirão, não menos energicamente, à expansão do Espiritismo. Não ignoro que os vossos adversários religiosos invocam seu testemunho contra vós; mas, ficai certos, isto não impede que o ilustre iluminado de Damasco seja por vós e convosco. O sopro que corre em suas epístolas, a santa inspiração que anima os seus ensinamentos, longe de ser hostil à vossa doutrina, está, ao contrário, cheia de singulares previsões em vista do que acontece hoje. É assim que, na sua primeira epístola aos coríntios, ele ensina que, sem a caridade, não existe nenhum homem, ainda que fosse santo, profeta e transportasse montanhas, que se possa gabar de ser um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Como os espíritas, e antes dos espíritas, foi ele o primeiro a proclamar esta máxima que faz vossa glória: Fora da caridade não há salvação! Mas não é apenas por este único lado que ele se liga à doutrina que nós vos ensinamos e que hoje propagais. Com aquela sublime inteligência que lhe era própria, tinha previsto o que Deus reservava para o futuro e, notadamente, esta transformação, esta regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, já que descreve, na citada epístola, e de maneira indiscutível, as principais faculdades mediúnicas, por ele chamadas de dons abençoados do Espírito Santo.

“Ah! meus filhos, aquele santo doutor contempla, com uma amargura que não pode dissimular, o grau de aviltamento em que caiu a maior parte dos que falam em seu nome, e que

proclamam, *urbi et orbi*, que outrora Deus deu à Terra toda a soma de verdades que esta era capaz de receber. Não obstante, o apóstolo tinha exclamado em seu tempo que só havia uma ciência e profecias imperfeitas. Ora, aquele que se lastimava de tal situação sabia, por isto mesmo, que essa ciência e essas profecias um dia se aperfeiçoariam. Não está aí a condenação absoluta de todos os que incriminam o progresso? o mais rude golpe aos que pretendem que o Cristo e os apóstolos, os Pais da Igreja e, sobretudo, os reverendos casuístas da Companhia de Jesus, deram à Terra toda a ciência religiosa e filosófica à qual ela tinha direito? Felizmente o próprio apóstolo teve o cuidado de os desmentir antecipadamente.

“Meus caros filhos, para apreciar, no seu justo valor, os homens que vos combatem, não deveis senão estudar os argumentos de sua polêmica, suas palavras acerbas e os pesares que testemunham, como o reverendo Pailloux; que as fogueiras tenham sido extintas e que a Santa Inquisição não mais funcione *ad majorem Dei glorium*. Meus irmãos, tendes a caridade; eles, a intolerância, pelo que têm muito a lastimar-se. Eis por que vos convido a orar por esses pobres transviados, a fim de que o Espírito Santo, que eles tanto invocam, se digne, enfim, de lhes iluminar a consciência e o coração.”

*François-Nicolas Madeleine*

A esta notável comunicação juntaremos as seguintes palavras de São Paulo, tiradas da primeira epístola aos Coríntios:

“Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo ou doutra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer e a cada semente, o seu próprio corpo. Nem toda carne é uma mesma carne; mas uma é carne dos homens, e outra, a carne dos animais, e outra, a das aves, e outra, a dos peixes.

“E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra, a dos terrestres. Uma é a glória do Sol, e outra, a glória da Lua, e outra, a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela.

“Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. *Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.*

“E, agora, digo isto, irmãos: que *carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus*, nem a corrupção herda a incorrupção.” (São Paulo, 1ª epístola aos Coríntios, capítulo XV, versículos 35 a 44 e 50).

Que pode ser este corpo *espiritual*, que não é o corpo animal, senão o corpo fluídico, cuja existência é demonstrada pelo Espiritismo – o perispírito – de que a alma é revestida após a morte? Com a morte do corpo o Espírito entra em perturbação; por um instante perde a consciência de si mesmo; depois recupera o uso de suas faculdades e renasce para a vida inteligente; numa palavra, *ressuscitará com o seu corpo espiritual.*

O último parágrafo, relativo ao juízo final, contradiz positivamente a doutrina da ressurreição da carne, pois diz: “*A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus.*” Assim, os mortos não ressuscitarão com sua carne e seu sangue, nem terão necessidade de reunir seus ossos dispersos, mas terão seu corpo celeste, que não é o corpo animal. Se o autor do *Catecismo filosófico* tivesse meditado bem o sentido destas palavras, teria evitado fazer o intrincado cálculo matemático a que se entregou, para provar que todos os homens mortos desde Adão, ressuscitando em carne e osso, com seus próprios corpos, poderiam caber perfeitamente no vale de Josafá, sem muito incômodo<sup>38</sup>.

38 *Catéchisme philosophique*, pelo abade Feller, tomo III, página 83.

Assim, São Paulo estabeleceu em princípio e em teoria o que hoje ensina o Espiritismo sobre o estado do homem após a morte.

Mas São Paulo não foi o único a pressentir as verdades ensinadas pelo Espiritismo. A Bíblia, os Evangelhos, os apóstolos e os Pais da Igreja dele estão cheios, de sorte que condenar o Espiritismo é negar as próprias autoridades sobre as quais se apóia a religião. Atribuir todos os seus ensinamentos ao demônio é lançar o mesmo anátema sobre a maioria dos autores sacros. O Espiritismo, pois, não vem destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, isto é, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido.

## Um Caso de Possessão

SENHORITA JÚLIA

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar do termo, mas subjugados. Queremos reconsiderar esta asserção, posta de maneira um tanto absoluta, já que agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, embora parcial, de um Espírito encarnado por um Espírito errante. Eis um primeiro fato que o prova, apresentando o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas se achavam um dia na casa de uma senhora, médium sonâmbula. De repente esta assumiu atitudes francamente masculinas, mudou a voz e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: “Ah! meu caro amigo, como estou contente por te ver!” Surpresos, perguntam o que isto significa. A senhora continua: “Como! meu caro, não me reconheces? Ah! é verdade; estou coberto de lama! Sou Carlos Z...” A este nome os assistentes se lembraram de um senhor, morto alguns meses antes, vitimado por um ataque de apoplexia, à beira de uma estrada; tinha caído num fosso, de onde lhe retiraram o corpo coberto de lama.

Declarou que, querendo conversar com seu velho amigo, aproveitou o momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para tomar-lhe o lugar. Com efeito, tendo-se repetido a cena vários dias seguidos, a Sra. A... de cada vez tomava as poses e maneiras habituais do Sr. Charles, apoiando-se no encosto da poltrona, cruzando as pernas, torcendo o bigode, passando os dedos pelos cabelos, de sorte que, salvo as roupas femininas, poder-se-ia crer estar diante do Sr. Charles. Contudo, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. – Já que tomastes posse do corpo da Sra. A..., poderíeis nele permanecer?

*Resp.* – Não, mas vontade não me falta.

P. – Por que não o podeis?

*Resp.* – Porque seu Espírito está sempre ligado ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *eu lhe pregaria uma peça.*

P. – Que faz durante este tempo o Espírito da Sra. A...?

*Resp.* – Está aqui ao lado, olhando para mim e rindo por me ver em suas vestes.

Estas conversas eram muito divertidas. O Sr. Charles tinha sido um *bon vivant* e não desmentia seu caráter. Entregue à vida material, era pouco adiantado como Espírito, mas bom por natureza e benevolente. Apoderando-se do corpo da Sra. A..., não tinha qualquer intenção má, de sorte que aquela senhora nada sofria com a situação, a que se prestava de bom grado. É bom que se diga que ela não conhecera o Sr. Charles e não podia estar a par de suas maneiras. É ainda de notar que os assistentes não pensavam nele, a cena não foi provocada e ele veio espontaneamente.

Aqui a possessão é evidente e ressalta ainda melhor dos detalhes, cuja enumeração seria demasiado longa; mas é uma possessão inocente e sem inconvenientes. Já o mesmo não ocorre

quando se trata de um Espírito maléfico e mal-intencionado. Poder ter conseqüências tanto mais graves quanto mais tenazes são esses Espíritos, o que muitas vezes se torna difícil livrar o paciente, do qual fazem sua vítima. Eis um exemplo recente, que nós mesmos tivemos oportunidade de observar e que se constituiu em sério objeto de estudo para a Sociedade de Paris:

A senhorita Júlia, doméstica, nascida na Sabóia, com vinte e três anos, caráter muito afável, sem qualquer instrução, desde algum tempo era susceptível a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras. Nesse estado consagrava-se a seu trabalho habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem de sua situação; seu trabalho era até mais cuidadoso; sua lucidez, notável; descrevia lugares e acontecimentos a distância com perfeita exatidão.

Há cerca de seis meses foi acometida de crises de caráter muito estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico, o qual se tornara, de certo modo, seu estado normal. Contorcía-se e rolava pelo chão, como a se debater sob a opressão de alguém que a quisesse estrangular e, de fato, apresentava todos os sintomas do estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, agarrava-o pelos cabelos, acabrunhava-o com golpes, injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de *Fredegunda*, infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes, etc. Tripudiava como se a pisoteasse com raiva, arrancando-lhe as roupas e os adereços. Coisa bizarra, tomando-se ela própria por *Fredegunda*, golpeava-se repetidamente nos braços, no peito e no rosto, dizendo: “Toma! toma! é bastante infame *Fredegunda*? Queres sufocar-me, mas não o conseguirás; queres meter-te em *minha caixa*, mas eu te expulsarei dela.” Minha caixa era o termo de que se servia para designar o seu corpo. Nada poderia pintar melhor o acento frenético com o qual, rangendo os dentes, ela pronunciava o nome de *Fredegunda*, nem as torturas que sofria nesses momentos.

Um dia, para ver-se livre de sua adversária, tomou de uma faca e tentou ferir-se; foi detida a tempo, evitando-se um acidente. Coisa não menos notável é que jamais tomou qualquer dos presentes por Fredegunda; a dualidade era sempre nela mesma e era contra si mesma que dirigia o seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele ela se havia desembaraçado. Para os outros era meiga e benevolente, mesmo nos momentos de maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente aterradoras, muitas vezes duravam horas e se repetiam várias vezes por dia. Quando acabavam por vencer Fredegunda, esta caía num estado de prostração e de acabrunhamento de que só saía pouco a pouco, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e dificuldade de falar. Sua saúde estava profundamente alterada; nada podia comer e por vezes ficava oito dias sem alimentar-se. Para ela as melhores iguarias tinham gosto horrível, levando-a a rejeitá-las. Dizia que era obra de Fredegunda, que a queria impedir de comer.

Dissemos acima que a moça não recebeu qualquer instrução. Em vigília jamais ouvira falar de Fredegunda, nem de seu caráter, nem do papel que representou. Ao contrário, em estado sonambúlico, sabe-o perfeitamente e diz ter vivido em seu tempo. Não era Brunehaut, como a princípio se supôs, mas outra pessoa, ligada à sua corte.

Outra observação, não menos importante, é que, quando começaram as crises, a senhorita Júlia jamais se havia ocupado de Espiritismo, cujo nome lhe era desconhecido. Ainda hoje, em vigília, ela lhe é estranha e nele não crê. Só o conhece no estado sonambúlico, e somente depois que começou a ser cuidada. Assim, tudo quanto disse foi espontâneo.

Diante de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa moça a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de

caráter especial, opinião que, à primeira vista, tinha uma aparência de realidade. Declarou um médico que, no estado atual da Ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. Todavia, pessoas experimentadas no Espiritismo reconhecem sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves, e que lhe poderia ser fatal. Sem dúvida, quem não a tivesse visto senão nos momentos de crise e só tivesse considerado a estranheza de seus atos e palavras, teria dito que era louca e lhe haveria infligido o tratamento dos alienados que, sem sombra de dúvida, teria provocado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos.

No estado de vigília sua conversa é a de uma pessoa de sua condição e em conformidade com a sua falta de instrução; sua inteligência chega a ser vulgar. Já no estado de sonambulismo o quadro se modifica completamente: nos momentos de calma ela raciocina com muito senso, justeza e verdadeira profundidade. Ora, seria loucura singular esta que aumentasse a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa aparente anomalia. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que lhe não permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte liberta de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, suas palavras e atos são excêntricos somente para os que não crêem na ação dos seres do mundo invisível. Vendo apenas o efeito, e não remontando à causa, eis por que todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nos manicômios sempre houve, em todos os tempos, pretensos loucos dessa natureza e que seriam facilmente curados se não nos obstinásemos a neles ver apenas uma doença orgânica.

Como, porém, a senhorita Júlia não tivesse recursos, uma família de verdadeiros e sinceros espíritas concordou em tomá-la a seu serviço, mas, na sua situação, ela deveria ser muito mais um estorvo do que uma utilidade, e era preciso um verdadeiro

devotamento para cuidar dela. Mas essas pessoas foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de praticar uma boa ação, depois pela satisfação de haver contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa. Dupla cura, porque não só a senhorita Júlia se libertou, mas sua inimiga converteu-se a melhores sentimentos.

Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis, que não durou menos de duas horas, quando pudemos observar o fenômeno nos mínimos detalhes e no qual reconhecemos de imediato uma completa analogia com os dos possessos de Morzine<sup>39</sup>.

A única diferença é que em Morzine os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e falavam do diabo que tinham em si, pois os haviam convencido de que era o diabo. Em Morzine a senhorita Júlia teria chamado Fredegunda de Diabo.

Num próximo artigo exporemos com detalhes as diversas fases desta cura e os meios empregados para tal fim; além disso, relataremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a respeito, assim como as importantes observações que ensejaram, concernentes ao magnetismo.

## Período de Luta

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pelo aparecimento de *O Livro dos Espíritos*. A partir deste momento o Espiritismo tomou um caráter completamente diverso. Entreviram-lhe o objetivo e o alcance e nele hauriram fé e consolação, sendo tal a rapidez de seu progresso que nenhuma

39 Ver *Instrução sobre os possessos de Morzine*, Revista Espírita de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.

outra doutrina filosófica ou religiosa oferece exemplo semelhante. Mas, como todas as idéias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto maior era a idéia, porque nenhuma idéia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que ocupe um lugar e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interessadas estão os que, por espírito de sistema e sem razões precisas, são adversários natos de tudo quanto é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão por que lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer, a despeito de tudo, propagar-se em todas as fileiras da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das idéias antigas alarmaram-se seriamente. Então uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, dando início ao *período da luta*, de que o auto-de-fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1861, de certo modo foi o sinal. Até então ele tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade, que ri de tudo, principalmente do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e aos quais nenhuma idéia nova pode escapar: é o seu batismo de fogo. Mas os outros não riem: fitam-no com cólera, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde então os ataques assumiram um caráter de violência inaudita. Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou. Vendo a inutilidade dos ataques a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai ser sentida, mas é a calma precursora da tempestade; não obstante, à tempestade sucede a bonança.

Espíritas, não vos inquieteis, porque a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será mais retumbante. Disse e repito: vejo o fim; sei como e quando será alcançado. Se vos falo com tal segurança é que para tanto tenho razões, sobre as quais a prudência manda que me cale, mas vós as conhecereis um dia. Tudo quanto vos posso dizer é que virão poderosos auxiliares para fechar a boca de mais de um detrator. Contudo a luta será viva e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que estas se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar o exemplo; que se lembrem destas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, pois grande é o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” [São Mateus, capítulo V, versículos 10, 11 e 12]<sup>40</sup>.

Estas palavras não parecem ter sido ditas para os espíritas de hoje, como para os apóstolos de então? É que as palavras do Cristo têm isto de particular: são para todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o *período religioso*; depois virá o quinto, *período intermediário*, conseqüência natural do precedente, e que mais tarde receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da *regeneração social*, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas determinadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das idéias novas, estará em toda a sua força e preparará o caminho da que há de inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei

40 N. do T.: No original francês, por engano, constou o capítulo VI.

evangélica. Assim serão confirmadas as palavras do Cristo, já que todas devem ter cumprimento e muitas se realizam neste momento, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procurais sinais no céu: esses sinais estão ao vosso lado e surgem de todas as partes.

É notável que as comunicações dos Espíritos tenham tido um caráter especial em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo foram graves e instrutivas; a partir do terceiro eles pressentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maior parte das que se obtém hoje nos diversos centros tem por objetivo prevenir os adeptos contra as intrigas de seus adversários. Assim, por toda parte são dadas instruções a este respeito, como por toda parte é anunciado um resultado idêntico. Tal coincidência, sobre este como sobre muitos outros pontos de vista, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, cuja veracidade já foi reconhecida por muitos espíritas.

## Instrução dos Espíritos

A GUERRA SURDA

(Paris, 14 de agosto de 1863)

“A luta vos espera, meus caros filhos; eis por que convido a todos a imitar os antigos lutadores, isto é, a cingir os rins. Os anos que vão seguir estão plenos de promessas, mas, também, de ansiedades. Não venho dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate ainda não está fixada; mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para qualquer eventualidade. Até agora o Espiritismo só encontrou uma rota fácil e quase florida, porque as injúrias e as zombarias que vos dirigem não têm nenhum alcance sério e ficaram sem efeito, ao passo que, doravante, os ataques que forem dirigidos contra vós terão um caráter totalmente diverso: eis que é chegada a hora em que Deus

vai fazer apelo a todos os devotamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis, para dar a cada um a parte que tiver merecido. Não vos martirizarão corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja; não erguerão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; armarão ciladas, armadilhas tanto mais perigosas quanto usarão mãos amigas; agirão na sombra; receberéis golpes, sem que saibais de onde partem, e sereis feridos em pleno peito pelas setas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão defecções em vossas fileiras e os pretensos espíritas, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se prevalecerão de sua independência, exclamando: “Somos nós que estamos no reto caminho!”, a fim de que os vossos adversários natos possam dizer: “Vede como são unidos!” Tentarão semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes; cooptarão os vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou para os desviar dos grupos sérios; empregarão a intimidação para uns, a captação para os outros; explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um papel de primazia, que hoje experimentam mais de uma desilusão em sua ambição. Prometer-lhes-ão de um lado o que não puderem achar no outro. Depois, enfim, com dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não poderão encontrar comparsas para representar indignas comédias, visando a lançar o descrédito e o ridículo sobre a doutrina?

“Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes, do âmago do coração, o socorro do Todo-Poderoso. Eis por que eu vo-lo repito, de toda a minha alma: meus filhos, cerrai fileiras, permaneci alertas, porque é o vosso Gólgota que se ergue; e se nele não fordes crucificados em carne e osso, sê-lo-eis nos vossos interesses, nas vossas afeições, na vossa honra!

“A hora é grave e solene; para trás, então, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações pueris, todas as

questões ociosas e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e cujas contas o Senhor vos pedirá. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma contra-senha sem equívoco, pedra de toque com o auxílio da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, pois esta fórmula implica abnegação e devotamento e resume todos os deveres do verdadeiro espírita.

“Coragem e perseverança, meus filhos! pensai que Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também de que os vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto vos acharem no caminho certo. Aliás, toda esta guerra só terá um tempo e se voltará contra os que julgavam criar armas contra a doutrina. O triunfo, e não mais o holocausto sangrento, irradiará do Gólgota espírita.

“Até logo, meus filhos; saúde a todos.

*Erasto, discípulo de São Paulo, apóstolo.”*

Uma das manobras previstas na comunicação acima, ao que nos informam, acaba de se realizar. Escrevem-nos que uma jovem, que tinha sido levada uma única vez a uma reunião, deixou a família sem motivo e retirou-se para a casa de uma pessoa estranha, de onde foi conduzida para um hospício de alienados, como acometida de loucura espírita, à revelia de seus pais, que só foram informados depois que a coisa estava feita. Ao cabo de vinte dias, tendo estes obtido autorização para ir vê-la, censuraram-na por os haver deixado. Então ela confessou que lhe haviam prometido dinheiro para simular a loucura. Até este momento foram infrutíferas as diligências para fazê-la sair.

Se é assim que recrutam os loucos espíritas, o meio é mais perigoso para os que o empregam do que para o Espiritismo. Reduzir-se a semelhantes expedientes para defender a própria causa é fornecer a mais evidente prova de que se está exausto de boas

razões. Diremos, pois, aos espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, rejubilai-vos, em vez de vos inquietar, pois sinalizam um triunfo próximo. Aliás, uma outra circunstância vos deve ser motivo de encorajamento: é que nossas fileiras aumentam, não só em número, mas, também, em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo e, com mão vigorosa, levantar a luva atirada por nossos adversários. Escritos de lógica irresistível diariamente lhes mostram que nem todos os espíritas são loucos. Nossos leitores conhecem a excelente refutação dos sermões do reverendo padre Letierce, por um espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante, dos espíritas de *Villenave de Rions* (Gironde), sobre os sermões do padre *Nicomède*. O *Vérité* de Lyon é conhecido por seus profundos artigos; o número de 22 de novembro, sobretudo, merece especial atenção. A *Ruche* de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores, tão capazes quão zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem, conforme foi previsto.

A comunicação a seguir desenvolve uma das fases da grave questão de que acabamos de tratar e não pode deixar de prevenir os espíritas sobre as dificuldades que vão acumular-se neste período.

### OS CONFLITOS

**(Reunião particular, 25 de fevereiro de 1863 – Mèdium: Sr. d'Ambel)**

Atualmente há uma recrudescência da obsessão, resultado da luta que, inevitavelmente, devem sustentar as idéias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que ele terá de sofrer, antes de se assentar de maneira estável no espírito das populações; assim, deve ser combatida por todos os meios possíveis e, sobretudo, pela prudência e pela energia de vossos guias, espirituais e terrestres.

De todos os lados surgem médiuns com supostas missões, dizendo-se chamados a empunhar a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viéssemos destruir, logo nós que viemos para construir. Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhe dizer: “Tu também serás rei”, e que não se julgue escolhida para um apostolado muito particular. Há poucas reuniões íntimas, e até mesmo grupos familiares, que não tenham contado entre os seus médiuns ou seus simples crentes, uma alma bastante envaidecida para se julgar indispensável ao sucesso da grande causa, demasiado presunçosa para se contentar com o modesto papel de obreiro, trazendo a sua pedra ao edifício. Ah! meus amigos, quantas pessoas discutem e nada fazem!

Quase todos os médiuns iniciantes estão sujeitos a essa perigosa tentação. Alguns resistem, mas muitos sucumbem, ao menos por algum tempo, até que malogros sucessivos venham desiludi-los. Por que permite Deus uma prova tão difícil, a não ser para provar que o bem e o progresso jamais se estabelecem sem trabalho e sem luta, a fim de tornar o triunfo da verdade mais brilhante pelas dificuldades da peleja? E que querem certos Espíritos da erraticidade, fomentando a exaltação do amor-próprio e do orgulho entre as mediocridades encarnadas, senão entrar o progresso? Sem o querer, são os instrumentos da prova que porá em evidência os bons e os maus servos de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; a outro, como a M..., um Espírito revela pretensos acontecimentos que vão realizar-se, fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os atores que devem concorrer ao drama anunciado; a um terceiro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; finalmente, a outros são indicados tesouros ocultos, prometem fortuna fácil, descobertas maravilhosas, glória, honrarias, etc.; numa palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são habilmente exploradas por Espíritos perversos. Eis por que, de todos os lados, vedes esses pobres obsidiados,

preparando-se para subir ao Capitólio, com uma gravidade e uma importância que entristecem o observador imparcial. Qual o resultado de todas essas promessas falaciosas? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso, que se julga chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenha os conselhos e desconhece os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto é a modéstia o apanágio dos médiuns escolhidos pelos Espíritos bons, quanto o orgulho, o amor-próprio e, digamos, a mediocridade são os distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros não se preocupam com as comunicações que recebem, quando estas se afastam da verdade, quanto os segundos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, ainda que absurdos. Daí resulta que, conforme as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris por seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está prestes a edificar-se entre vós. Aliás, fora preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que, à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressista e emancipadora, junta-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudo-sábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrenos, por meio dessa multidão de médiuns por eles fanatizados, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todas essas edificações, erigidas pela ambição, pelo amor-próprio e pela inveja; quantas não vistes desmoronar-se e quantas não o vereis ainda! Eu vo-lo digo, todo edifício que não se assenta sobre a base sólida da verdade cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias.

Espíritas sinceros, não vos amedronteis com esse caos momentâneo. Não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca, e em que a sua claridade, inundando o mundo,

fará entrar na sombra seus obscuros detratores, postos em evidência durante alguns instantes para a sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tereis de vos defender não só contra os ataques e calúnias dos vossos adversários vivos, mas, também, contra as manobras ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos em estudos sadios e, acima de tudo, pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus sempre esclarece os que se consagram à propagação da verdade, quando agem de boa-fé e estão desprovidos de toda ambição pessoal.

Quanto ao mais, espíritas, que vos importam os médiuns que, apesar de tudo, não passam de instrumentos? O que deveis considerar é o valor e o alcance dos ensinamentos que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a clareza e a precisão das verdades que vos são reveladas; é, enfim, ver se as instruções que vos dão correspondem às legítimas aspirações das almas de escol e se são conformes às leis gerais e imutáveis da lógica e da harmonia universais.

Como sabeis, os Espíritos imperfeitos, que representam um papel de apóstolo junto a seus obsidiados, não têm o menor escrúpulo em se fazerem passar pelos mais venerados nomes; assim, seria um contra-senso se eu, que sou um dos últimos e mais obscuros discípulos do *Espírito da Verdade*, me queixasse do abuso que alguns fizeram de meu modesto nome; repetirei, pois, incessantemente o que disse a meu médium, dois anos atrás: “Jamais julgueis uma comunicação em razão do nome pela qual é assinada, mas apenas por seu valor intrínseco.”

É urgente que vos resguardeis contra todas as publicações de origem suspeita, que pareçam ou possam parecer contrárias a todas as que não tiverem um estilo franco e claro, e tende por certo que algumas são elaboradas nos campos inimigos dos mundos visível ou invisível, visando a lançar entre vós os

podemos de discórdia. Cabe a vós não vos deixar apanhar; tendes todos os elementos necessários para as apreciar. Mas tende igualmente como certo que todo Espírito que a si mesmo se anuncia como um ser superior e, sobretudo, como de uma infalibilidade a toda a prova, é, ao contrário, o oposto do que anuncia tão pomposamente. Desde que o piedoso Espírito François-Nicolas Madeleine houve por bem aliviar-me de uma parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita e fazer a estatística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ah! se tantos Espíritos imperfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho um pesar muito maior ao constatar que, entre os nossos melhores auxiliares da Terra, muitos vergaram ao peso da tarefa e, pouco a pouco, retomaram os atalhos de suas antigas fraquezas, de tal sorte que as grandes almas etéreas que os aconselhavam, foram, a partir de então, substituídas por Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! sei que a virtude é difícil; mas não queremos, nem pedimos o impossível. Basta-nos a boa vontade, quando acompanhada do desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso, porquanto muito será pedido aos que, depois de se terem elevado, por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, caírem no culto da matéria e ainda se deixarem invadir pelo egoísmo e pelo amor de si mesmos. A despeito disto, oramos por eles e a ninguém condenamos, pois sempre devemos ter presente na memória este magnífico ensinamento do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado lhe atire a primeira pedra.”

Hoje vossas falanges crescem a olhos vistos e vossos partidários se contam aos milhões. Ora, em razão do número de adeptos, se insinuam sob falsas máscaras os falsos irmãos, do qual vos falou ultimamente o vosso irmão presidente. Não que eu vos venha recomendar para só abrires vossas fileiras aos cordeiros sem mácula e às novilhas brancas. Não; porque, mais que todos os outros, os pecadores têm direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles a quem eu vos

aconselho que desconfieis são os hipócritas perigosos, aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Auxiliados por uma postura rígida, sob o olho observador das massas, conservam esse ar sério e digno, que leva os outros a dizerem deles: “Que criaturas respeitáveis!”, ao passo que, sob essa respeitabilidade aparente, por vezes se dissimulam a perfídia e a imoralidade. São afáveis, obsequiosos, cheios de amenidades; insinuam-se nos interiores; exploram com prazer a vida privada; escutam atrás das portas e se fazem de surdos para melhor ouvir; pressentem as inimizades, atizam-nas e as alimentam; vão aos campos opostos, questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é aquela pessoa? Conheceis sua família? Depois os vereis secretamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de as envenenar por melífluas calúnias. “São rumores – dizem – nos quais a gente não acredita”; mas acrescentam: “Não há fumaça sem fogo, etc., etc.”

A esses tartufos da encarnação, reuni os hipócritas da erraticidade e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar a agir, doravante, com extrema reserva e de vos guardar de toda imprudência e de todo entusiasmo irrefletido. Eu vo-lo disse, estais num momento de crise, dificultado pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com firmeza e perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável e é deplorável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos. Pobres iludidos, que se abaixam passando sob arcos triunfais, como se a verdade devesse esperar sua vinda para ser anunciada! Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo; foi por mil vezes desconhecidas que a verdade se espalhou, e é justamente por essa unanimidade que ela se fez reconhecida. Contai essas vozes, contai os que as escutam; contai, sobretudo, as que tocam o coração, se quiserdes saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns

tivessem fé, eu seria o primeiro a me inclinar diante deles; mas eles não têm, na maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tão grande é o orgulho na Terra! Não, sua fé não é a que transporta montanhas e que faz andar sobre as águas! É o caso de repetir aqui esta máxima evangélica, que me serviu de tema, quando me fiz ouvir em meu começo entre vós: *muitos os chamados e poucos os escolhidos*.

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda parte, pró e contra o Espiritismo, em todos os sentidos, sob todas as formas; críticas excessivas da parte de gente que dele nada sabe; sermões inflamados de pessoas que o temem; em suma, digo eu, o Espiritismo está na ordem do dia; revolve todo o cérebro, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um pressente que ele traz em si o princípio de uma renovação, que uns chamam de suas promessas e outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Desta Torre de Babel que surgirá? Uma coisa imensa: a vulgarização da idéia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrinall! Esse conflito é inevitável, porque o homem é manchado de muito orgulho e egoísmo para aceitar, sem oposição, uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o atrito que consome as idéias falsas e faz ressaltar a força das que resistem. Em meio a esta avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará na sua grandeza e majestade.

*Erasto*

#### O DEVER<sup>41</sup>

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de novembro de 1863  
– Médiun: Sr. Costel)

O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a

41 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, item 7.

lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente, diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém com exatidão? Onde começa ele? onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranqüilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sã consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O homem não pode desviar o cálice de suas provas; o dever é penoso em seus sacrifícios; o mal é amargo em seus resultados; mas essas dores, quase iguais, têm conclusões muito diferentes: uma é salutar como os venenos que restauram a saúde, a outra é nociva como os festins que arruinam o corpo.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

*Lázaro*

### **SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM**

**(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862 – Médium: Sr. A. Didier)**

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antiguidade. O Espírito elevado revolta-se à idéia do sangue e, sobretudo, à idéia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que aqui não se trata absolutamente de sacrifícios humanos, mas tão-só de animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antiguidade igualmente tinham horror a estas espécies de sacrifícios e eles próprios só se alimentavam de frutos e raízes. Na Terra os encarnados têm uma missão a cumprir; têm um Espírito, que deve ser nutrido pelo Espírito, e um corpo, que deve ser alimentado pela matéria; mas a natureza da matéria influi sobre a espessura do corpo e, em consequência, sobre as

manifestações do Espírito, o que é facilmente compreensível. Os temperamentos bastante fortes para viver como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, em geral seria necessária uma natureza mais espiritualizada que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres. E como, antes de tudo, a Natureza jamais age com disparate, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações. Pode ser-se bom cristão e bom espírito e comer a seu gosto, contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa.

*Lamennais*

*Allan Kardec*



## Nota Explicativa<sup>42</sup>

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

**42 Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

*Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do

nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por

consequente, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêm; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA